

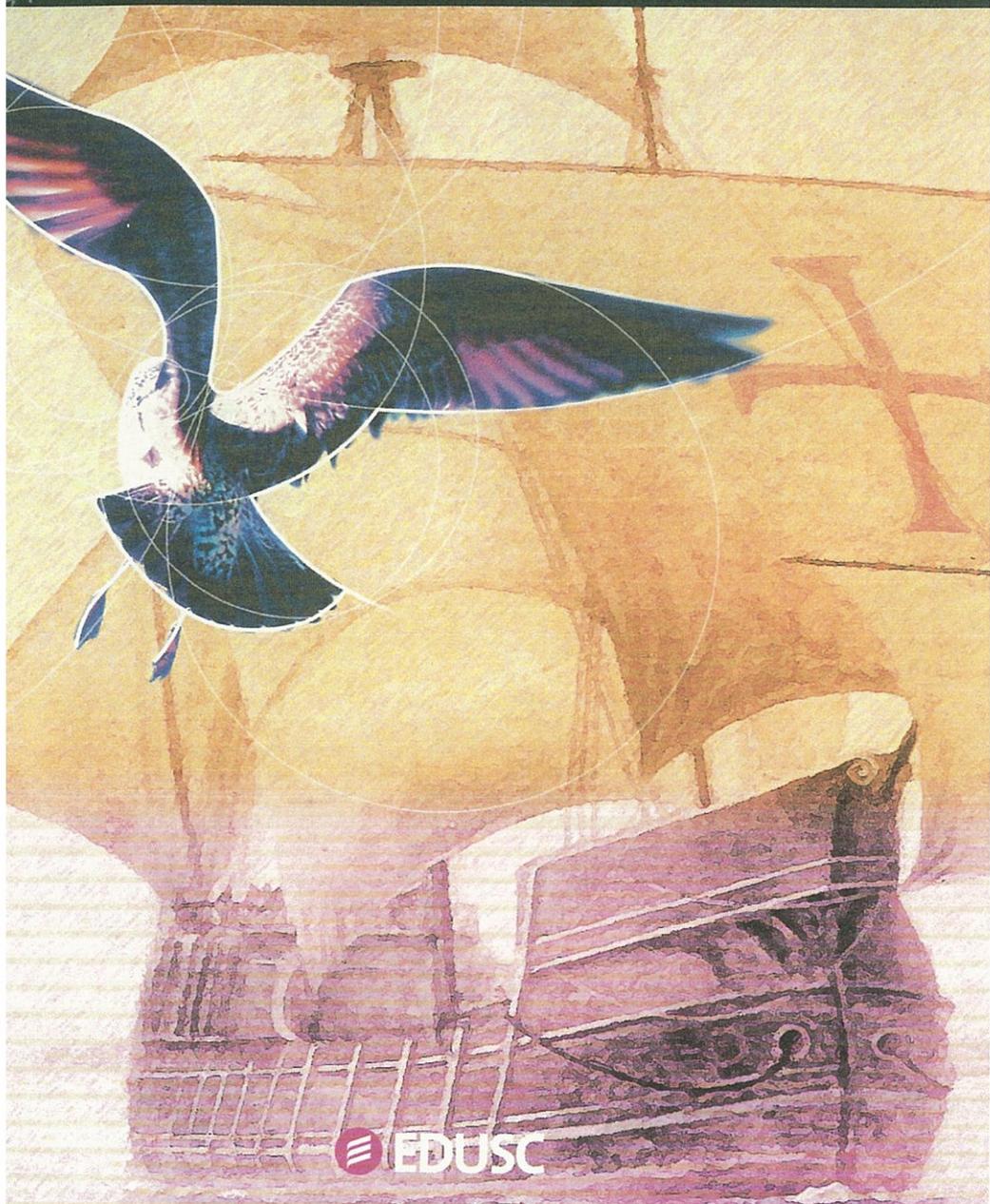
ISSN - 0103-3239

R E V I S T A

CAMONIANA

3ª série - vol. 17 - Bauru, São Paulo - 2005

17



 EDUSC

PRESENÇA DA *ODISSÉIA* EM CAMÕES

THE *ODISSEY* IN CAMÕES

HÉLIO J. S. ALVES

Cingem-se à onomástica as indicações, fornecidas pelos especialistas mais conceituados, de que Camões saberia grego.¹ Mas seriam os conhecimentos do poeta português suficientes para ler Homero na língua do original?

Uma das razões para justificar a ausência de *imitatio* diretamente homérica no Portugal de Quinhentos estaria no desconhecimento, ou conhecimento muito insuficiente, da língua grega entre a grande maioria dos intelectuais. Mas é também possível que, em virtude da marginalidade dos estudos portugueses no mundo acadêmico internacional, os conhecimentos helênicos de Camões tenham sido simplesmente negligenciados pelos estudiosos e se esteja ainda à espera dum trabalho de fôlego que possa colmatar a lacuna. Não se trata apenas de Homero: o debate em torno das eventuais leituras de Platão e da natu-

1 Cf. Américo da Costa Ramalho, "Sobre o nome do Adamastor", *Estudos Camonianos*, 2.ed Lisboa: INIC, 1980, p. 27-33; Maria Helena da Rocha Pereira, "Nomes de ninfas em Camões", *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p. 31-44. Neste último, a autora termina, dizendo: «o nosso maior poeta, além de manusear o latim com extrema familiaridade, também tinha algum conhecimento, pelo menos, da outra língua clássica».

reza do platonismo camoniano, bem aceso há algumas décadas, necessitaria de se fundamentar em igual atenção erudita.²

Em estudo recente,³ Frederico Lourenço propõe como conclusão principal que «não há nenhum dado concreto oferecido pelo texto d'Os Lusíadas que nos permita afirmar que Camões leu a *Odisséia*». Trata-se duma afirmação tanto mais surpreendente quanto se opõe a outra da mais reputada helenista portuguesa, Maria Helena da Rocha Pereira, quando assevera que «o conhecimento da *Odisséia* por parte de Camões não deve oferecer dúvidas».⁴

Sabendo-se que a *Odisséia* é um dos poucos poemas eleitos explicitamente por Camões como modelo da sua epopéia, o contraste entre as duas posições parece recomendar o relançamento da questão noutros moldes. Com efeito, não pode estar em causa o interesse do poeta pela *Odisséia*, na medida em que sobram as indicações (mesmo na lírica!) de que a *superlatio* camoniana é testada também perante Homero. Mas permanecem dúvidas legítimas acerca da extensão do conhecimento do grego por Camões. Se Maria Helena da Rocha Pereira deixa em aberto a possibilidade da leitura camoniana do poema de Homero ter sido feita noutra língua que não a original,⁵ as conclusões de Frederico Lourenço obrigam a pensar que o conhecimento possível da *Odisséia* por parte do poeta português foi conseguido através de uma ou mais mediações. É neste cruzamento que me pretendo situar: os estudos a realizar necessitam de ter em conta os textos que apresentam a *Odisséia* sob formas que levam o poema filtrado, adaptado ou compendiado até aos lei-

2 Veja-se a revisão do assunto feita por Eduardo Lourenço no estudo "Camões e a visão neoplatônica do mundo", inserido no seu livro *Poesia e Metafísica*, Lisboa: Sá da Costa, 1983, p. 51-67.

3 "Camões, leitor da *Odisséia*?" in Frederico Lourenço, *Grécia Revisitada*, Lisboa: Cotovia, 2004, p. 259-266. A frase citada surge na última página do estudo.

4 Maria Helena da Rocha Pereira, *Presenças da Antiguidade Clássica em Os Lusíadas*. In: _____. *Novos Ensaios...*, *cit.*, p. 109-131. A frase citada surge na p. 120.

5 A autora cita favoravelmente uma frase de Wilhelm Storck neste sentido ("Presenças...", *ibid.*).

tores. Dever-se-ão considerar primeiro os veículos mais comuns dessa mediação no século XVI, como sejam as poliantéias e as várias espécies de tradução e alusão teorizadas e praticadas no Renascimento.

As conclusões secundárias do trabalho de Frederico Lourenço dão algumas pistas sobre a possível natureza das mediações entre Homero e Camões. Em primeiro lugar, há as traduções da *Odisséia* dos séculos XV e XVI (a que faltaria acrescentar a menção dos comentários apensos) para o latim, o italiano e o castelhano, línguas que, sem dúvida, Camões conhecia bem. Depois, a verificação do conhecimento, efetivamente demonstrado n'*Os Lusíadas*, da epopéia de Homero. Se, para as primeiras, o hellenista de Lisboa lembra um pouco da história da recepção humanística da *Odisséia* e a existência de uma versão castelhana anterior à epopéia de Camões, é a partir da pesquisa sobre o texto d'*Os Lusíadas* que surge a conclusão mais material: "os cantos da *Odisséia* cujo conhecimento por parte de Camões está implícito nas alusões ao poema homérico n'*Os Lusíadas* são somente os Cantos V e VIII-XII". Apesar das oportunidades que o poema lhe dava para fazer erudição com referências aos Cantos posteriores, Camões ignora por completo tudo o que acontece na *Odisséia* «depois da chegada de Ulisses a Ítaca no Canto XIII».

Poderíamos achar que estas conclusões estariam porventura dependentes em demasia duma análise ao pé da letra. Será bom lembrar que o fenômeno renascentista da imitação nem sempre se manifesta mediante *verba*. Uma estrofe do discurso de Marte no consílio divino d'*Os Lusíadas* (I, 40), apesar de ter pouco em comum com o léxico de Atena no primeiro consílio da *Odisséia* (I: 80-86), está bem mais próxima desta do que os episódios da *Eneida* referidos pelo mais prolífico e influente comentador do poema português, Manuel de Faria e Sousa. Além disso, Camões revela conhecer pelo menos uma seqüência de episódios da epopéia homérica, a ponto de o Canto VI d'*Os Lusíadas* se encontrar quase todo ele alicerçado sobre boa parte da narrativa do Canto V do poema grego.⁶ Este deve considerar-se, de longe, o mais ex-

6 Cf. Hélio J. S. Alves., *Camões, Corte-Real e o Sistema da Epopéia Quinhentista*. Coimbra: CIEC/Por Ordem da Universidade, 2001, p. 486-487.

tenso e importante testemunho de relação intertextual camoniana com Homero conhecido até ao momento. Dado o carácter estrutural que adquire, a imitação realizada no Canto VI não demonstra, mas torna mais provável, o contacto direto de *Camões* com a *Odisséia*.

Não obstante, mesmo acrescentando estas coincidências às passagens mencionadas por Maria Helena da Rocha Pereira e Frederico Lourenço, continuamos efetivamente a nada encontrar que comprove a existência de relações intertextuais de original para original. Como também não encontramos relações concretas entre *Os Lusíadas* e a narrativa de Homero posterior à chegada a Ítaca no Canto XIII.

As conclusões gerais acerca deste ponto devem ser as de que o carácter "odisseico" d'*Os Lusíadas* é, por sistema, de segunda mão. Com alguma frequência, chega mesmo a ser de terceira mão. A "odisséia" de Vasco da Gama está montada sobre a "odisséia" de Eneias, tal como surge na primeira metade da epopéia latina de Virgílio. Há momentos importantes, porém, onde mesmo a *Eneida* é imitada indiretamente por intermédio de um outro texto, geralmente moderno. É claro que estes fatos não obstam à existência de contactos com o poema de Homero, uma vez que a *Eneida* o imita macro e microestruturalmente, e que Virgílio constitui *auctoritas maxima* para praticamente todos os poetas do século XVI.

Assim, a aparição do Adamastor (V, 39), que Faria e Sousa identificou com o Polifemo do Canto IX da *Odisséia*,⁷ nada deve diretamente a Homero, reportando-se antes a um trecho da *Eneida* (III: 655 e ss.) que vem imediatamente a seguir a um discurso de Aquemênides onde se reescreve o encontro de Ulisses com o Cíclope (III: 613 e ss.). É a coincidência entre estas passagens dos poemas latino e português, evidenciada por Américo da Costa Ramalho,⁸ e a própria articulação nar-

7 «Ha figura se nos mostra no ar, robus. etc. Todo esto salió del 9. de la Ulissea, pintado a Polifemo» (*Lusíadas de Luis de Camões comentadas por Manuel de Faria e Sousa* (1639), ed. facsimilada 1972, Lisboa: Imprensa Nacional, vol. I, tomo 2, col. 515).

8 Cf. A. C. Ramalho, *op. cit.*, p. 29.

rativa entre o relato do companheiro de Ulisses e a aparição de Polifemo na *Eneida*, que explicam a vizinhança entre o episódio do encontro de Veloso com um africano «mais selvagem que o bruto Polifemo» (*Os Lusíadas*, V, 28: 4) e a aparição do Gigante.⁹ A memória poética de Camões é, neste ponto, totalmente virgiliana, não podendo, pois, inferirse da alusão ao Ciclope uma reflexão moldada diretamente sobre o texto homérico. O fato de o próprio nome do Adamastor provir de Adamasto, pai da personagem de Aquemênides inventada por Virgílio,¹⁰ atesta o distanciamento de Camões face à *Odisséia* em dois dos episódios mais “odisseicos” da sua epopeia.¹¹

A admiração evidente de Camões pela *Eneida* não o impede, porém, de estar muito atento às atualizações imitativas contemporâneas. Assim, a última estrofe da fala do Gama na tempestade (*Os Lusíadas*, VI: 83) imita indubitavelmente um passo da *Odisséia* (V: 306-312), mas menos através da *Eneida* (I: 94-101) do que por intermédio de um imitador do poema de Virgílio, o poeta extremeño Luís Zapata, na sua epopeia castelhana *Carlo Famoso* (I: 20-21) publicada uns meros seis anos antes d'*Os Lusíadas*.¹² O poeta português estaria talvez ciente da natureza ho-

9 A fórmula retórica de transição é inclusivamente traduzida: «*vix ea fatus erat...cum*» (*Eneida*, III: 655); «não acabava, quando» (*Os Lusíadas*, V, 39: 1).

10 «Os traços físicos mais salientes do Adamastor vêm de Virgílio que, como é sabido, sugeriu também o nome do gigante, ao descrever o encontro do grego Aquemênides, filho de Adamasto, com Polifemo. Também é certo que na *Gigantomachia* (vs. 101) de Claudiano há um gigante Damastor e que Sidônio Apolinar, imitando o passo, tem um Adamastor» (Américo da Costa Ramalho, “Aspectos clássicos do Adamastor”, *Estudos Camonianos*, cit., p. 39).

11 Daí que a analogia que David Quint encontra entre a cena de Veloso e a aparição do Adamastor não seja concebida, a meu ver, a partir das ações de Ulisses e Polifemo na *Odisséia*, mas antes repetida, com diferenças, de uma analogia já inventada na epopeia de Virgílio, aquela existente entre o relato do filho de Adamasto e a terrível aparição de Polifemo aos enéadas (cf. *Epic and Empire*, Princeton, 1993, p. 116).

12 Os pormenores textuais encontram-se em Camões, *Corte-Real...*, cit., pp. 187-190. Para a *Odisséia*, utilizo a tradução portuguesa de Frederico Lourenço (Lisboa: Cotovia, 2003).

mérica da sua *imitatio* nesta passagem; todavia, o desafio às suas capacidades poéticas lança-se com procedimentos alheios, que Camões sabia serem imitados de Virgílio, mas que lhe deviam agradar particularmente enquanto realizações modernas convincentes do *stilus gravis* clássico.

Tudo aponta, por conseguinte, para que Camões tenha feito uma leitura, quer parcial, quer mediada, da *Odisseia*. Inúmeras referências à arte de Homero ao longo dos tempos faziam com que fosse praticamente inevitável ter-se uma idéia formada acerca do poema de Ulisses. Principalmente quando textos que circulavam com relativa facilidade chegavam a contar pormenores da narração homérica.¹³

Acima de todas as fontes indiretas, porém, a única tradução castelhana da *Odisséia* disponível no século XVI reunia as condições de mediação e imperfeição de conhecimento do texto homérico que temos vindo a assinalar. Com efeito, *la Ulixea de Homero*, não somente constituía para Camões uma versão coeva, em princípio mais fiável do que as paráfrases e reportagens do clássico grego, mas também uma adaptação autorizada da metrificacão grega ao decassílabo moderno (o verso d'*Os Lusíadas*). Mas tinha um senão de peso, que Camões não teve oportunidade de contornar: tratava-se, nas primeiras edições, duma versão parcial, duma tradução só dos primeiros XIII Cantos.

O texto traduzido saiu em dois impressores simultaneamente, no ano de 1550: Andrea de Portonariis em Salamanca e Juan (Johannes) Steelsio em Antuérpia. Tanto quanto me foi possível saber, existe apenas um exemplar daquele ano em bibliotecas portuguesas, a versão de Salamanca pertencente à Biblioteca Pública de Évora. O título da edição é: *De la Ulyxea de Homero. XIII Libros traduzidos de Griego en Romance Castellano por Gonçalo Perez*. Embora não pudesse verificar um exemplar pessoalmente, os bibliógrafos indicam que a edição de Steelsio possui título idêntico.

13 Além do trecho da *Eneida*, acima mencionado, que reescreve boa parte do Canto IX da *Odisséia*, um outro exemplo seria a epístola de Horácio a Lólio Máximo (*Epistolarium*, I: 2).

Esta tradução, apesar de duplamente publicada, teve tanto êxito que logo em 1553 saiu nova edição, dos prelos venezianos de Gabriel Giolito dei Ferrari, cujo texto terá sido, segundo Palau y Dulcet,¹⁴ modificado (“corregido”) por Alfonso de Ulloa. A partir do exemplar catalogado pela Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada,¹⁵ percebe-se que o título é já outro: *La Ulixea de Homero, repartida em XIII libros traduzida de griego en romance castellano por el señor Gonçalo Perez*. Apesar de o cabeçalho desta vez ser enganador, nada indica que se trate de uma versão acrescentada e muito menos completa: os treze Livros da tradução devem corresponder aos treze Cantos do original.

Mais três anos se passam até que Steelsio publica nova edição. Esta, porém, tem por título *La Ulyxea de Homero traduzida de griego en lengua castellana, por el Secretario Gonçalo Perez* e, como assim se dá a entender, está completa: contém todos os 24 Cantos do poema.

O tradutor, que foi secretário de Estado de Carlos V e de Filipe II, morreu em data igual ou posterior a 1563. Terá sido a grande procura de uma edição vernácula castelhana da *Odisséia* que levou três impressores, em diferentes partes da Europa, a publicar versões parciais antes de Perez terminar o seu labor? É provável, até porque o número de edições em tão curto espaço de tempo parece demonstrá-lo: ainda depois da Steelsio de 1556, a tradução publica-se em Veneza, também completa, em 1562.

Neste contexto, não pode deixar de ser notado que as edições correspondentes ao período da vida de Camões em que os biógrafos situam a sua estada em Portugal, entre a milícia em Ceuta e a partida para o Oriente, são aquelas que apresentam a tradução tão-só dos treze primeiros Cantos. Entre 1549 e março de 1553, Camões só poderia ter consultado as duas *princeps* de 1550 (já se torna inverosímil a leitu-

14 *Manual del Librero Hispanoamericano*, tomo VI, p. 636.

15 Utilizei o volume: *Exposição biblio-iconográfica comemorativa do IV Centenário da Publicação das Poesias de Francisco Sá de Miranda e Rimas de Luís de Camões*, Biblioteca Pública e Arquivo/Universidade dos Açores, Ponta Delgada: Câmara Municipal, 1995, p. 35.

ra da edição veneziana de 1553), ou seja, unicamente *as edições parciais* da tradução de Gonçalo Perez. Estes dados podem ser mutuamente produtivos, quer dizer, o emprego da *Odisséia* por Camões ajudaria a confirmar a periodização da sua vida, e a biografia poderia ajudar a explicar as suas dificuldades com a epopéia de Homero. A vida limitada pelos livros e os livros pela vida...

Será demasiada ousadia pensar-se que o acesso mais direto de Camões à *Odisséia* se fez com notas de leitura da tradução parcial de Perez? As suas ulteriores necessidades para a composição do poema épico poderiam ser cobertas, por exemplo, por edições comentadas da *Eneida* que assinalassem passos que Virgílio imitava de Homero. Edições que existiam no mundo livreiro do tempo. Juntamente com a insuficiência no domínio da língua grega, assim se explicaria a ausência, na epopéia camoniana, não somente de alusões efetivas aos Cantos XIV a XXIV da *Odisséia*, mas também de imitações homéricas por *verba ipsa*, um tipo de intertextualidade cuja presença é demonstrável n'Os *Lusíadas* para os casos de Virgílio e Ariosto, para não falar de cronistas e poetas espanhóis e portugueses mais ou menos coevos.

Sem deixarmos de considerar indubitável uma relação de leitura e imitação com a *Odisséia*, parece certo que Camões não pôde ler Homero com a segurança lingüística, a demora e a compreensão global com as quais leu certamente os outros autores aqui referidos.

RESUMO

Passam-se em revista, em primeiro lugar, os mais recentes contributos da investigação séria acerca da presença da *Odisséia* de Homero na obra de Camões. Acrescentam-se dados resultantes da pesquisa do autor, chamando a atenção para a importância das mediações latinas e modernas entre *Os Lusíadas* e a *Odisséia*. Sugere-se, finalmente, que a única tradução castelhana quinhentista da *Odisséia* pode explicar muito do que efetivamente acontece nas alusões e imitações homéricas de Camões.

Palavras-chave: *Odisséia*; Camões; alusões; mediações